

# Mitos e verdades sobre a educação

**A** brutal disputa por competitividade na economia global nos obriga a novas reflexões sobre a importância da educação no desenvolvimento de pessoas e países.

Antes de tudo, é preciso distinguir o papel da educação como condição de cidadania. O mundo moderno exige de qualquer indivíduo um mínimo de conhecimento para permitir seu acesso aos instrumentos que o transformam em cidadão do mundo. É o que se pressupõe que deveria garantir a escola de nível básico, universal e — para quem não pode pagá-la — gratuita. Infelizmente, não é assim, como nos atestam os milhões de analfabetos “de fato” dos países da periferia mundial. Isso para não incluir o triste contingente de pequenos párias que nem sequer vão à escola.

Não nos estamos referindo, pois, a esse dever básico ainda hoje não cumprido por muitas nações. Conseguido o mínimo, a questão é saber como continuar educando — nos níveis técnico e universitário — para favorecer o desenvolvimento econômico e a geração de empregos.

Trata-se de assunto complexo. Em teoria, se um Estado nacional dobrar repentinamente o número de seus engenheiros, médicos e advogados, não garantirá que haja demanda para eles ou que o país cresça mais. O mais provável é que os salários desses profissionais caiam abruptamente e muitos deles acabem trabalhando em funções menos qualificadas ou fiquem desempregados. Para agravar essa questão, a recente onda de automação exige crescente especialização dos que permanecem empregados, mas gera um número decrescente de empregos formais



**Resultados não dependem do número de aulas nem do dinheiro gasto, revela pesquisa**

qualificados por investimento direto adicional na produção de bens e serviços.

Não há dúvida de que, quanto maior a base de indivíduos qualificados existente num país, maior a probabilidade de se criar uma alta elite capaz de se envolver em processos tecnológicos em geral. A garantia de empregá-los, porém, estará subordinada a outras políticas macroeconômicas que induzam ao crescimento econômico. A

educação é, pois, condição absolutamente necessária — mas não suficiente — para o desenvolvimento.

Sempre pareceu evidente ter o sucesso de um país forte correlação com o seu nível educacional. Como sempre, as coisas são mais complicadas do que gostaríamos. Recentes pesquisas internacionais sobre disparidades de padrões educacionais entre nações dão sérios motivos para concluirmos que ainda se

sabe muito pouco sobre o tema.

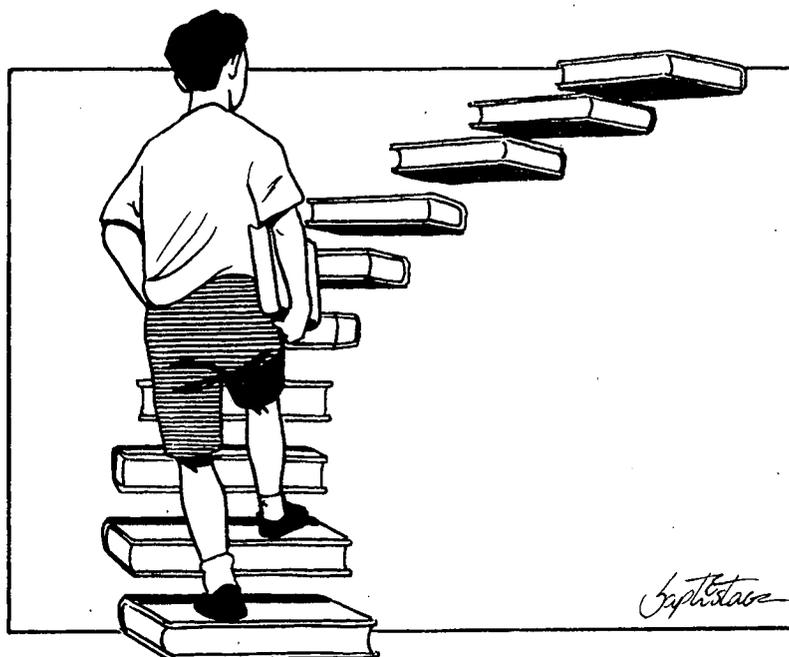
No mês passado, *The Economist* divulgou os resultados da maior pesquisa internacional já feita sobre educação, o Third International Maths and Science Study (TIMSS). Ela abrangeu 41 nações — infelizmente, somente a Colômbia na América Latina — e comparou o desempenho alcançado em Matemática e Ciências por crianças de 13 anos de idade. Os EUA aparecem em decepcionante 28ª posição em Matemática e em 17ª em Ciências. A França fica em 13ª e 28ª. A Inglaterra, em 25ª e 10ª. Em compensação, Cingapura e Japão estão em 1ª e 3ª, respectivamente, em ambas as disciplinas. Já a Colômbia e a África do Sul aparecem em penúltimo e último lugares tanto em Matemática como em Ciências. Apesar da surpresa nas classificações de EUA, Inglaterra e França, até aqui nada de excepcionalmente estranho. A confusão ocorre quando a pesquisa tenta encontrar a razão dos diferentes desempenhos. O número de aulas por ano é absolutamente irrelevante na qualidade dos resultados. Idem para dinheiro des-

pendido em educação. Coréia do Sul e República Checa, por exemplo, conseguem o segundo melhor resultado em Matemática gastando — por aluno — de três a quatro vezes menos que Suíça, EUA e Alemanha, que têm 25ª, 17ª e 18ª colocações. Os países asiáticos têm — em geral — bom desempenho, o que poderia sugerir a influência de valores culturais. Mas em Ciências, por exemplo, Japão, Bulgária e Holanda aparecem quase com o mesmo resultado, embora pertencendo a culturas radicalmente diferentes e gastando tempo e recursos muito distintos com o ensino dessas disciplinas.

A única evidência apontada pela pesquisa é a importância dos métodos de ensino. O que reforça a conclusão de que todos somos ainda muito ignorantes para controlar a complexa teia de influências e motivações que fazem uma criança aprender. E explica a crescente importância da psicopedagogia, a disciplina que lida com as questões da aprendizagem.

Se, por curiosidade, tentarmos cruzar os resultados do TIMSS com o recente estudo sobre países mais competitivos realizado pelo IMD de Lausanne, a perplexidade aumenta. Se Cingapura parece indicar alta correlação entre “eficiência nacional” e desempenho em educação (2º em competitividade e 1º em Matemática e Ciência), os EUA se encarregam de pôr essa tese sob suspeita (1º em competitividade, 28º em Matemática e 17º em Ciência).

Há ainda, portanto, muito que investigar quanto à importância da educação e aos métodos para aprimorá-la. Temos uma única certeza: ela é cada vez mais fundamental para valorizar as pessoas e ajudar os países a crescer. As pesquisas que se aprimorem para nos orientar sobre como fazê-lo com rapidez e eficiência.



*Gilberto Dupas*

■ Gilberto Dupas é membro do Instituto de Estudos Avançados da USP e do Conselho Diretor da FGV